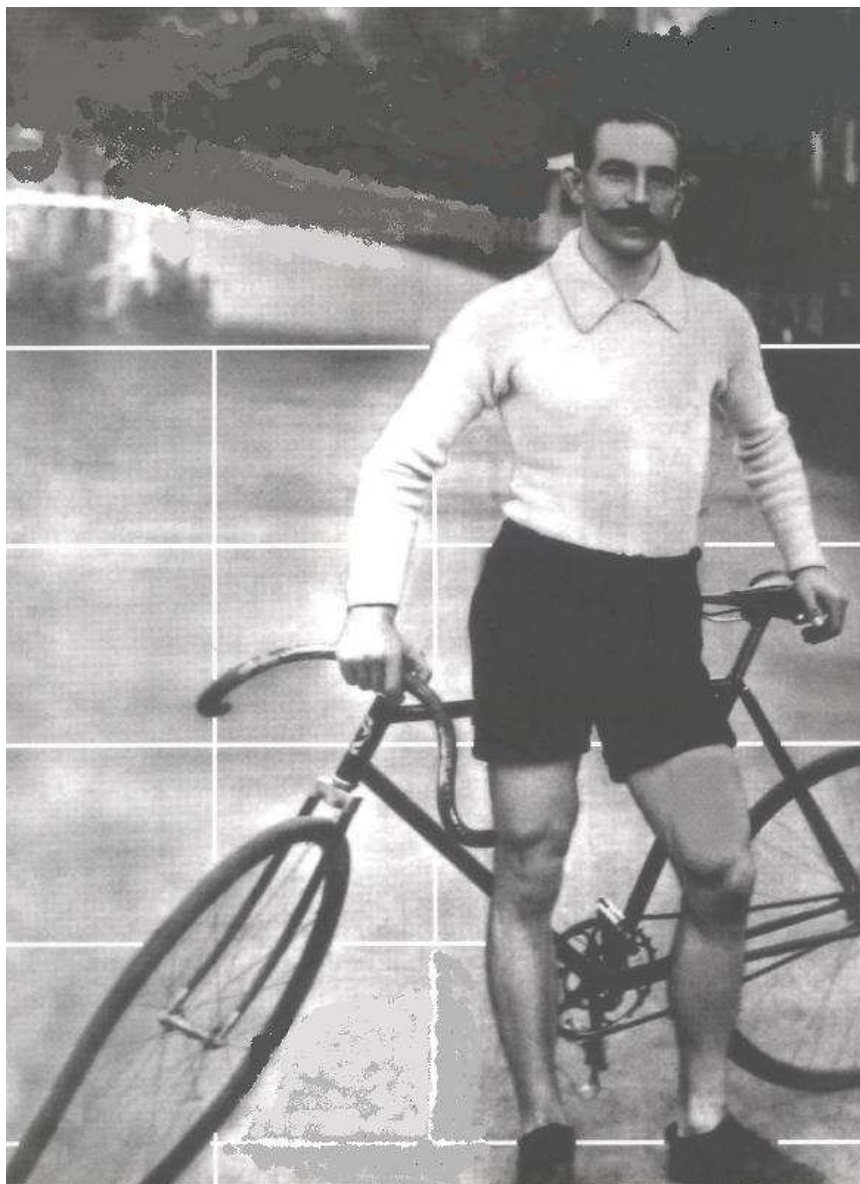


FIGURAS MARCANTES DO CICLISMO LUSO

Foram várias as figuras do pelotão nacional que marcaram as principais fases da evolução do ciclismo português, e das quais nos iremos ocupar neste capítulo, desde as proezas de José Bento Pessoa, nos finais do Século XVIII, aos inesquecíveis José Maria Nicolau e Alfredo Trindade, até aos históricos Alves Barbosa, Joaquim Agostinho e Marco Chagas.

Pelo meio ficaram Ribeiro da Silva, a dinastia dominadora do FC Porto (dos Moreira, Dias Santos, Sousa Cardoso, Mário Silva, José Pacheco, entre outros), os dois José Martins (o do Benfica e o da Coelima), José Albuquerque (o popular “Faísca”), o “leão” João Roque e os benfiquistas Peixoto Alves, Fernando Mendes e Francisco Valada, para terminar em Joaquim Gomes, Fernando Carvalho, Jorge Silva, Orlando Rodrigues, Vítor Gamito, Nuno Ribeiro e José Azevedo.

Todos eles estão envolvidos na reconstituição, que a seguir fazemos, das breves biografias daqueles que elegemos como principais marcos históricos da evolução do ciclismo português



JOSÉ BENTO PESSOA RECORDISTA MUNDIAL EM 1899

José Bento Pessoa, natural da Figueira da Foz, aos 24 anos de idade bateu o recorde do mundo dos 500 metros, no Velódromo de Chamartin, em Madrid e foi o primeiro campeão de Espanha, ao vencer, em 12 de Abril de 1897, os 100 Km de Madrid-Ávila-Madrid, feitos que marcaram uma época do ciclismo em Portugal e que contribuíram decisivamente para a fundação da União Velocipédica Portuguesa, libertando-nos da dependência espanhola.

Dados biográficos:

Nome: José Bento Pessoa

Nascimento: 7 de Março de 1874

Naturalidade: Figueira da Foz (Rua da Oliveira).

Filiação: Ricardo Lourenço Pessoa (Proprietário de uma sapataria) e de Maria da Guia do Espírito Santo (Doméstica).

Irmão: Constantino Pessoa, dois anos mais novo.

Profissional de ciclismo: Aos 22 anos.

DE RECORDISTA MUNDIAL DOS 500 METROS A CAMPEÃO DE ESPANHA

Depois de uma infância vivida entre a Rua da Oliveira, onde residia, e a sapataria do pai, e concluída a instrução primária, seguiu-se um período em que prosseguiu os estudos, recebendo lições de química, física e francês, alternando com presenças na loja. A grande aspiração do pai era que o José Bento assumisse a sua carreira profissional na condução dos negócios da loja.

Na biografia de José Bento Pessoa, o autor da obra, Romeu Correia, traça este perfil do biografado na fase da adolescência, para explicar a frustração que o pai sofreu por o filho não revelar aptidão profissional para dar continuidade ao negócio da comercialização de calçado: *“Um nada comodista, todo habilidades de mãos e paciência para ferramentas e motores, não era da sua natureza pertencer ao comércio de sapataria. Era um moço de belas feições, elegante, sensível e de falas cuidadas. Muito cedo caprichou pelo bem vestir, por se puxar, entre a rapaziada da sua geração. Convivia com assiduidade e proveito, todos os verões, com a colónia balnear espanhola. Pertencia aos finitos da Figueira, isto é, ao grupo dos jovens das melhores famílias.”*

Aos 17 anos, a recuperar de uma queda em que fracturou um tornozelo, José Bento Pessoa foi aconselhado pelo médico a fazer exercício para recuperar a articulação, indicando-lhe que a prática do ciclismo seria o ideal. E assim principiaria a sua espectacular carreira no desporto do pedal, que esteve na origem do movimento que levaria à fundação da União Velocipédica Portuguesa.

A primeira prova oficial em que participou foi em Coimbra, no dia 23 de Fevereiro de 1894 (tinha 20 anos). Alinhou como júnior numa corrida de 13 Km, na qual conquistou a primeira medalha de ouro, êxito que repetiu no ano seguinte.

Com a morte do pai (1896), José Bento Pessoa abandonou o estabelecimento de Manuel Beirão, em Lisboa, onde trabalhava, para deixar de correr com bicicletas da marca “Brennabor” para assinar contrato com a marca “Raleigh”, da “Casa Esteves”, e tornar-se ciclista profissional, filiado na União Velocipédica Espanhola, pois ainda não tinha sido fundada a União Velocipédica Portuguesa, e o nosso ciclismo, por determinação da UCI, dependia de Espanha.

José Diogo de Orey, o melhor corredor e velocidade português, que foi destronado por José Bento Pessoa, apontou-lhe as seguintes características: *“Tem o corpo de perfeito atleta adequado a exercícios de tal ordem como o do*

velocípedo e a sua posição sobre a máquina é das melhores que tenho admirado e à primeira vista um conhecedor dirá que é um bom sprinter”. Mas observa: “No entanto tem um defeito que o prejudica, quer correr em tudo que seja corridas, o que é um engano.”

A primeira experiência do ciclista figueirense teve lugar no dia 9 de Setembro de 1896, em Vigo, vencendo a Corrida Peninsular, mas veio a ser desclassificado e multado por irregularidades cometidas no “sprint”, ficando ainda proibido, durante oito meses, de participar em corridas na pista de Vigo.

José Bento Pessoa, no Velódromo de Jonction, em Genebra (Suíça), no dia 10 de Abril de 1898, confirmou o título de campeão do mundo dos 500 metros, que havia arrebatado ao francês Jacquelin no Velódromo de Chamartin (Madrid), ao bater, de forma categórica, o suíço, de 21 anos e grande porte atlético, a quem fora dada a alcunha de “Champion”, e depois de o ter também derrotado no contra-relógio de 500 metros.

A mais retumbante das vitórias que, naquela altura, José Bento Pessoa colecionava no seu palmarés, foi conquistada no dia 12 de Abril de 1897, nos “100 Km de Ávila” (Madrid-Ávila-Madrid) que correspondia ao 1º Campeonato de Espanha em estrada, no qual, ao que rezam as crónicas da época, teria participado com uma bicicleta de pista e cruzado a meta com uma roda vazia.

O ciclista da Figueira da Foz, para certa imprensa dado como sendo “espanhol”, apresentou-se naquela cidade helvética à beira do Lago Lemán, com um palmarés recheado de vitórias, conquistadas em França e em Espanha, mas nem assim mesmo os suíços vacilaram em dar total favoritismo ao seu “Champion”, que ele só conheceu já na pista momentos antes do palpitante duelo luso-suíço.

No entanto, houve um jornal suíço que veio a lume esclarecer que José Bento Pessoa não era “espanhol”, mas sim português, tendo nascido “na cidade ribeirinha da Figueira da foz, estância balnear na costa ocidental da Península Ibérica” e que, portanto, “pertencia ao pequeno povo da monarquia portuguesa, país que outrora tivera grandes navegadores e fora berço de um poeta chamado Luís de Camões, autor do livro ‘Os Lusíadas’, muito traduzido em línguas cultas.” Tudo terminou em ambiente de total frustração para os suíços.



ANTÓNIO AUGUSTO DE CARVALHO

Nascimento: 1903

Naturalidade: Sintra

Equipas: Carcavelos (1926 e 1927), Campo de Ourique (1931) e Sintra (1932).

Carreira: 1926 a 1932

Volta a Portugal: 1º em 1927 + 5 etapas; 4º em 1931 + 1 etapa + 1 dia líder; 8º em 1932.

Destaques: 1º na Volta a Lisboa em 1926; 1º no Tomar-Lisboa, em 1928; 1º na Volta dos Campeões, em 1930. Vestiu a camisola amarela em dez ocasiões.

SEM OS AZARES DE QUIRINO

O poderoso e espadaúdo ciclista sintrense, líder da equipa de Carcavelos, foi o primeiro campeão da Volta a Portugal, impondo-se no duelo com Quirino de Oliveira, do Atlético de Campo de Ourique, por muitos apontado como principal favorito à vitória na primeira edição da prova, em 1927, que inicialmente chegou a ser designada por Circuito Ciclista de Portugal.

A corrida ficou marcada por variadíssimas peripécias, mas do ponto de vista desportivo o facto que maior relevo alcançou foi o emocionante despique travado, ao longo de todo o percurso, pelos dois populares ciclistas.

Quirino de Oliveira foi o primeiro a envergar a camisola amarela, conservando-a durante a maior parte do percurso de 1958,5 quilómetros, repartidos por 18 etapas, confirmando assim ser melhor da categoria dos 'Fortes' (os corredores estavam divididos em fortes, fracos e militares). Foi, no entanto, o seu rival Augusto de Carvalho, quem veio a conquistar a vitória, em resultado dos contratempos sofridos pelo seu opositor.

Na etapa para a Guarda, onde muitos esperavam que Quirino teria a sua grande oportunidade, tirando partido do facto de ser o mais corpulento do pelotão (1,80 m de altura e 90 Kgs de peso), com grande capacidade atlética e muito corajoso, sofreu uma avaria mecânica e fez grande parte do percurso sem o selim. subindo e descendo, quilómetros e quilómetros, apoiado apenas nos pedais.

Parecia que estava firme no primeiro lugar, mas o imponderável, que é um dos aliciantes do ciclismo, voltou a fazer sérios estragos na classificação de Quirino, primeiro devido a uma queda a caminho de Moncorvo, onde perdeu o comando da classificação, e depois voltando a atrasar-se na etapa de Braga para o Porto. Nesse dia Augusto de Carvalho chegou à meta montado numa 'pasteleira' cedida por um popular, que o ajudou, assim, a solucionar uma avaria cuja reparação poderia acarretar-lhe a perda de muito tempo e comprometer seriamente a possibilidade real de uma vitória.

O primeiro beneficiário desses percalços foi Manuel Nunes de Abreu, do Leixões, que vestiu a camisola amarela, mas Augusto de Carvalho saiu das Caldas da Rainha vestido de amarelo e com 9m 34s de vantagem, mercê de um ataque demolidor na etapa anterior, do Porto para Coimbra, onde os corredores chegaram já noite fechada, com os faróis dos carros de apoio a iluminarem-lhes a estrada.

Uma verdadeira multidão em delírio vitoriou os ciclistas à sua chegada a Lisboa, com a meta instalada na Avenida da Liberdade.

PALMARÉS

1926

1º Volta a Lisboa

1927

1º Volta a Portugal
1º Taça União
1º Taça Olímpica

1928

1º Tomar-Lisboa

1930

1º Volta dos Campeões

1º Lourinhã-Coruche-Lourinhã

1931

4º na Volta a Portugal

1932

8º na Volta a Portugal



JOSÉ MARIA NICOLAU

Nascimento: 15 de Outubro de 1908

Naturalidade: Cartaxo

Equipas: Carcavelos (1928) e Benfica (1929 a 1939)

Volta a Portugal: 1º + 8 etapas + 14 dias de líder em 1931; 2º + 4 etapas + 7

dias de líder; desistiu em 1933 + 1 etapa + 1 dia de líder; 1º + 3 etapas + 10 dias de líder, em 1934; desistiu em 1935. Vestiu a camisola amarela 24 vezes.

Terminou a carreira: 24/09/1939

Faleceu: 25 de Agosto de 1969, vítima de acidente de viação.

DEU ASAS AO BENFICA

José Maria Nicolau, foi um dos mais populares ciclistas portugueses dos anos 30, que, depois de se ter evidenciado nas fileiras do Carcavelos, ingressou no Benfica, em 1929, ao serviço do qual venceu a Volta a Portugal em Bicicleta em 1931 e 1934, em animados despiques com o seu conterrâneo e grande rival, Alfredo Trindade, o qual, antes de chegar ao Sporting, se revelou nas fileiras do União Clube Rio de Janeiro, popular colectividade do Bairro Alto, da cidade de Lisboa.

Durante a década de 1930 os dois corredores, ribatejanos da mesma terra, da mesma idade (separava-os apenas cinco meses) e de clubes rivais, mas muito amigos, fizeram vibrar de entusiasmo os desportistas portugueses com os seus empolgantes duelos, dando assim decisiva contribuição para a popularidade e expansão, a nível nacional, do ciclismo e dos dois grandes clubes lisboetas.

Nicolau impressionava pela sua compleição física e robustez (80 kg), em contraste com a franzina silhueta de Trindade (50 kg), mas eram iguais pelo seu espírito de lutadores.

PRINCIPAIS VITÓRIAS - Nicolau não se limitou a ganhar duas Voltas a Portugal. Com o mesmo brio e tenacidade bateu-se por outros sucessos, tendo ganho, sempre ao serviço do Benfica, os 100 Km da Golegã (1930), Golegã-V. Franca-Benavente (1930), Lisboa-Coimbra (1930, 31 e 32); Campeonato Nacional de Fundo (1931, 1932, 1933), Taça Olímpica – CRI (1930, 1931, 1932, 1933), GP Outono (1931), Volta a Lisboa (1931), Porto-Vigo (1931), Taça da União e a Volta a Lisboa (1931 e 1932); Lisboa-Sintra (1932-1933), Lisboa-Ericeira-Mafra-Malveira-Lisboa (1932), o Porto-Lisboa (1932, 1934 e 1935); o Lisboa-Bombarral-Lisboa (1933); e o Tábua-Coimbra-Tábua (1934).



ALFREDO TRINDADE

Nascimento: Maio de 1908

Naturalidade: Valada (Cartaxo)

Equipas: União Clube do Rio de Janeiro (1932), Sporting (1933 a 1939) e Belenenses (1940 e 1941)

Na Volta a Portugal: 2º em 1931; 1º + 11 etapas + 12 dias de líder, em 1932; 1º + 8 etapas + 17 dias de líder, em 1933; desistiu em 1934 e 1935; 14º em 1940; 7º em 1941. Vestiu a camisola amarela 29 vezes

IMPULSIONOU O SPORTING

Nicolau e Trindade travaram o mais empolgante dos históricos duelos do ciclismo português. A estampa atlética de um era a antítese da do outro. José Maria Nicolau, era alto e robusto, senhor de uma vontade indómita e de uma coragem impressionante, com o que supria a sua falta de conhecimentos sobre técnica e tática de corrida e outras insuficiências próprias daqueles tempos.

Alfredo Trindade, era baixo e franzino, mas compensava esse 'handicap' com um espírito batalhador que o agigantava quando media forças com os adversários. Tinha a profissão de carpinteiro e os cronistas da época descreviam-no assim: «*Cabelo castanho alourado, em pé, ou melhor, em ondas verticais e aparado baixo; olhos castanhos grandes, sempre gaiatos e brilhantes; testa baixa e comprida, de cantos em ângulo recto; feições pequenas, o crânio relativamente volumoso, o maciço facial, a partir dos ossos molares salientes vai adelgaçando até à ponta do queixo. Não tem um peito alto, mas possui energia indomável.*»

No embate entre os dois ribatejanos, a argúcia de Trindade equilibrava-se com a pujança de Nicolau -- este com 80 quilos e uma bicicleta com cerca de 14 quilos; aquele com 50 quilos e uma bicicleta apenas um pouco mais leve.

DUAS VITÓRIAS CONSECUTIVAS

Apesar do extraordinário êxito da primeira edição, em 1927, a Volta só regressou à estrada três anos depois, e o acolhimento que teve ultrapassou todas as expectativas, para o que contribuiu o empolgante duelo travado entre os históricos Nicolau e Trindade.

A rivalidade entre os dois ciclistas, e, naturalmente, entre os seus adeptos, não impediu que se tivesse criado, entre ambos, uma forte amizade que contagiou o público das duas facções e se prolongou até ao fim das suas carreiras.

A seguir à vitória do possante Nicolau, em 1931, o franzino Trindade, que nessa altura, embora sócio do Sporting desde 28 de Maio de 1930, envergava ainda a camisola do União Clube do Rio de Janeiro, popular agremiação do Bairro Alto, conseguiu a desforra no ano seguinte, dando maior significado à sã rivalidade que os dois populares ciclistas cultivavam, num despique que durou toda a corrida despertando paixões do primeiro ao último dia. O seu desfecho ficou a dever-se a um factor imponderável, a queda de Nicolau na etapa de Castelo Branco para Viseu, onde se atrasou irremediavelmente. Ainda conseguiu uma excelente recuperação, mas não foi o suficiente para destronar o rival.

Na época seguinte apresentou-se à partida da Volta envergando a camisola do Sporting, mas a expectativa do duelo com Nicolau gorou-se logo no início porque o valoroso ciclista do Benfica adoeceu e desistiu na segunda etapa, ficando o caminho aberto para a vitória de Trindade, que obteve a melhor média até então registada (26,598 Km/h). Trindade envergou a camisola amarela durante dez etapas, sendo segundo classificado nas restantes. César Luís e José Marquez foram na temporada de 1935, os seus principais rivais.

Já depois da retirada de Nicolau, em 1939, Trindade continuou em actividade, não no Sporting, mas no Belenenses, clube pelo qual disputou as Voltas de 1940 (14º) e 1941 (7º), duas actuações que estiveram muito longe daquilo a que nos habituara, pois já dava sinais de que o final da carreira estaria próximo.

Faleceu em 11 de Outubro de 1977.

PRINCIPAIS VITÓRIAS - Circuito de Alcobaça (1930), Cartaxo-lisboa-Cartaxo (1931), Matosinhos-Valença-Matosinhos (1933), Lisboa-Ericeira-Mafra, Malveira-Lisboa (1934), Circuito do Cartaxo (1934), Voltas a Mafra (1934), Campeão nacional de Fundo (1934), Circuito Internacional (1936), Corrida à Americana (1937)



JOSÉ ALBUQUERQUE ('FAISCA')

Nascimento: 20 de Setembro de 1916

Naturalidade: Quinta da Moita

Equipas: Campo de Ourique (1938); Sporting (1939 a 1943)

Carreira:

Volta a Portugal: 1º + 1 etapa + 14 dias líder, em 1938; 5º + 3 etapas, em 1939; 1º + 2 etapas + 7 dias líder, em 1940; 4º + 5 etapas, em 1941. Vestiu a camisola amarela 22 vezes.

Destaques: Ficou popularizado como o "Faísca". Faleceu em 5/01/1963

FEZ FAÍSCA NO CICLISMO

José Albuquerque, o popular 'Faísca', rompeu no firmamento do nosso ciclismo exactamente como a sua alcunha sugere, e numa altura em que dele se afastaram José Maria Nicolau e Alfredo Trindade. Mereceu, por isso, a alcunha que lhe deram, com a qual conquistou um lugar de grande evidência na ribalta

deste popular desporto.

O 'Faísca' não veio ocupar o lugar daqueles dois vultos, mas conquistou o seu lugar próprio ao lado deles na galeria das grandes figuras do ciclismo lusitano. Tinha 19 anos quando, ao lado de mais 48 ciclistas, José Albuquerque, com a camisola do Campo de Ourique, e orientado por Horácio Matias, partiu para esta aventura de pedalar ao redor do país, desta vez durante 17 dias e ao longo de 2.332 penosos quilómetros, caminho ao longo do qual despontou com grande fulgor, arrebatando uma vitória que surpreendeu toda a gente.

Dois anos sem Volta, e com Nicolau e Trindade já de fora, não arrefeceram o entusiasmo, nem do público nem dos corredores, como ficou bem patente na emoção com que o público acompanhou as peripécias da corrida, em particular a carreira espectacular deste jovem de 19 anos. E o mais curioso é que 'Faísca' venceu uma única etapa, a 12^a de Vila Real para o Porto, enquanto Ildfonso Rodrigues ganhou oito (2^a, 3^a, 6^a, 7^a, 8^a, 9^a, 17^a e 19^a) e Filipe de Melo averbou cinco (4^a, 5^a, 11^a, 13^a e 16^a).

'Faísca' impressionou vivamente sobretudo pela forma como, a despeito do seu aspecto franzino, se impôs a todos os adversários, em particular na subida para a Guarda, onde, como trepador de extraordinários recursos, defendeu, de forma categórica, a camisola amarela conquistada na chegada a Portalegre e que conservou até final, pese embora perseguição que lhe foi movida pelos experimentados César Luís, Filipe de Melo e Ildfonso Rodrigues.

E a confirmar os seus extraordinários recursos, depois de um 5^o lugar na edição de 1939, em que venceu três etapas, desta vez ao serviço do Sporting, averbou segunda vitória na Volta, em 1940, com dois triunfos de etapa. Manteve-se sempre muito discreto na corrida e controlou a escassa diferença que o separava dos ciclistas da frente, para, na subida para a Guarda, repetir o feito de dois anos antes, deixando toda a concorrência fora de combate.

Na década de 40 destacaram-se as vitórias de Joaquim Fernandes (1939) e Francisco Inácio (1941), tendo ambos por rival João Lourenço, e ainda as de José Martins, em luta com João Rebelo, e de Fernando Moreira (1948) e Dias Santos (1949 e 50)

Principais resultados

1938

1^o na Volta a Portugal

1939

5^o na Volta a Portugal

1940

1^o na Volta a Portugal

2^o na Clássica Porto-Lisboa

1941

4º na Volta a Portugal
1º no Circuito da Anadia

1943

2º no Campeonato Nacional de Fundo



ALVES BARBOSA

Nome completo: António da Silva ALVES BARBOSA

Nascimento: 24.12.1931

Naturalidade: Fontela-Vila Verde (Figueira da Foz)

Carreira: 1951 a 1961

Equipas em Portugal: Sangalhos(1951 a 1961)

Equipas no estrangeiro: Rochet-Dunlop (1955, 1956, 1957), Celta d'Alessandro (1958, 1959), Rapha-Gitane (1960), Rochet-Dunlop (1961).

Treinador do Benfica: 1962.

Director-Técnico Nacional: 1975 a 1978 e de 1989 a 1992.

Destaques

Foi o primeiro ciclista a vencer três edições da Volta a Portugal (1951, 1956 e 1958), duas delas, a primeira e a terceira, sempre de amarelo do primeiro ao último dia. Vestiu a camisola amarela 63 vezes e venceu duas vezes a classificação por pontos. Foi também recordista de vitórias de etapas na Volta a Portugal: 34

Foi o primeiro português a entrar no top-ten do 'Tour' de França, ao terminar no 10º lugar em 1956.

Foi comentador da RTP nos anos de Joaquim Agostinho no 'Tour' de França. Seu pai, José Alves Barbosa, foi ciclista nos anos 30/40, conhecido pela alcunha de 'Rei dos Furos'.

Vive em Montemor-o-Velho desde os 3 anos de idade. É casado com uma professora de Filosofia e pai de dois filhos.

Condecorações: Medalha da Juventude e Desportos de França, Medalha de Mérito Desportivo, Sócio de Mérito da UVP-F.P.C.

ABRIU AOS PORTUGUESES AS PORTAS DO 'TOUR'

António Barbosa, mais conhecido por Alves Barbosa (Alves 'herdado' do pai, que também foi ciclista), é uma das figuras lendárias do nosso ciclismo tendo sido superado apenas pelo campeoníssimo Joaquim Agostinho. Foi ele que, às três vitórias na Volta a Portugal e aos títulos de campeão nacional de fundo, de velocidade (pista) e até em ciclo-cross, juntou a proeza de ter aberto aos portugueses as portas do 'Tour' de França com um histórico 10º lugar (1956).

Teve estreia auspiciosa na Volta a Portugal em 1951, pois, com apenas 19 anos de idade, tornando-se no mais jovem vencedor de sempre da grande prova, envergando a camisola amarela do primeiro ao último dia.

Só em 1956 viria a averbar segunda vitória, porque, em 1952 foi chamado a cumprir o serviço militar, cabendo, nesse ano, a vitória a Moreira de Sá, em 1953 e 1954, não se realizou a Volta, e em 1955, a agressão, de que foi vítima no último dia, nos arredores do Porto, proporcionou a vitória a Ribeiro da Silva, tendo terminado no 3º lugar.

A terceira vitória, a da 'vingança', ocorreu em 1956, em luta com adversários

da elevada craveira como Dias Santos (vencedor em 49 e 50), Luciano de Sá, Moreira de Sá e o seu rival Ribeiro da Silva que, em 1957 conseguiu uma vitória 'limpa', conformando-se Alves Barbosa com o 4º lugar, modesta classificação de que se ressarcia em 1958, outra vez vestindo a amarela do primeiro ao último dia, já sem a presença de Ribeiro da Silva tragicamente falecido, três meses antes, vítima de desastre de viação, quando se encontrava contratado pelo Benfica. Vestiu a camisola amarela na Volta a Portugal em 63 vezes.

Entre a sua terceira vitória, em 1958, e o advento de Joaquim Agostinho, a Volta registou os seguintes vencedores: Carlos Carvalho (1959), Sousa Cardoso (1960), Mário Silva (1961), José Pacheco (1962), João Roque (1963), Joaquim Leão (1964), Peixoto Alves (1965), Francisco Valada (1966), Anton Houbrecht (1967), Américo Silva (1968) e Joaquim Andrade (1969), este último por desclassificação de Joaquim Agostinho apanhado no controlo anti-doping.

No plano internacional marcou posição de grande relêvo, tendo sido o primeiro português a entrar no 'top-ten' do 'Tour' de França com um excelente 10º lugar em 1956. Registou mais duas presenças no 'Tour', obtendo o 76º lugar em 1958 e 65º em 1960.

Nas três edições da 'Vuelta' a Espanha que concluiu classificou-se sempre entre os vinte primeiros: 17º em 1957; 16º em 1958 e 18º em 1961.

Disputou inúmeras corridas além fronteiras de entre as quais destacamos o 4º lugar no Madrid-Porto (1951), o 5º na Volta a Marrocos (1952) e a vitória na Clássica 9 de Julho, no Brasil (1955).

Após terminar a sua carreira continuou sempre ligado ao ciclismo, primeiro como técnico da equipa do Benfica nos anos 60, e depois como Director-Técnico Nacional (de 75 a 78 e de 82 a 92) e é um dos prelectores oficiais dos cursos de formação da União Ciclista Internacional.

Foi ainda comentador de televisão na RTP nos tempos memoráveis das participações de Joaquim Agostinho no 'Tour' de França.

PALMARÉS

1950

Campeão Nacional de Juniores

1951

1º na Volta a Portugal, 1 etapa

1º no Circuito da Malveira

4º no Madrid-Porto

1952

5º na Volta a Marrocos, 1 etapa

7 vitórias na Venezuela

1953

1º no Circuito da Malveira

1954

Campeão Nacional de Fundo

Campeão Nacional de Velocidade

1955

Campeão Nacional de Velocidade

1º na Clássica 9 de Julho (Brasil)

1º na Volta ao Sul do Save (Moçambique)

3º na Volta a Portugal, 6 etapas

1º no Circuito da Malveira

1956

1º na Volta a Portugal, 10 etapas

Campeão Nacional de Fundo

Campeão Nacional de Velocidade

1º em Arageyez (Brasil)

8º nos Quatro dias de Dunquerque

10º no Tour de France

1957

1º no Prémio do Porto

1º no Prémio de Lisboa

1º no Circuito da Curia

4º na Volta a Portugal

17º na Vuelta a España

24º no Paris-Nice

1958

1º na Volta a Portugal, 8 etapas

Campeão Nacional de Velocidade

1 etapa no Porto-Viseu-Porto

1º no Circuito dos Campeões (Figueira da Foz)

1º no Circuito da Curia

1º no Circuito de Grândola

1º no Circuito de Alpiarça

2º no GP Ribeiro da Silva

16º na Vuelta a España, 2º numa etapa

76º no Tour de France

1959

Campeão Nacional de Velocidade

1º no GP Cidla, 3 etapas

7 etapas na Volta a Portugal

1º no GP Vilar, 4 etapas

1º no Criterium de Narbonne, França

1º no Circuito da Malveira

1º no Circuito de Rio Maior

1º no Circuito de Vila da Feira
1º no Circuito de Fafe
1º no Circuito de Santo Tirso
1º no Circuito das Vindimas
1º no Circuito de Alenquer
1º no Circuito de Famalicão
4º na Clássica Porto-Lisboa

1960

Campeão Nacional de Ciclo-Cross
1º no GP Vilar, 4 etapas
5º na Volta a Marrocos, 2 etapas
1º no GP Cidla
1º no Circuito da Malveira
1º no Prix de Pourdes
65º no Tour de France

1961

Campeão Nacional de Ciclo-Cross
18º na Vuelta a España, 1 etapa
1 etapa na Volta a Portugal
1 etapa na Vuelta a Andaluzia
1º no Circuito de Vila da Feira
1º no Circuito dos Campeões (Figueira da Foz)
2º no Campeonato Nacional de Fundo
2º no GP de Sintra
31º no Paris-Nice



JOAQUIM AGOSTINHO

Nascimento: 07/04/1942

Naturalidade: Bregenjas (Silveira-Torres Vedras)

Faleceu em 10/05/1984

Profissional: 1968

Equipas em Portugal: Sporting Clube de Portugal (1968 a 1973, 1975 e 1984).

Equipas no estrangeiro: Frimatic (1969 e 1970), Hoover (1971), Magniflex (1972), Bic (1973 e 1974), Teka (1976 e 1977), Flandria (1978 e 1979), Puch-Sem-Campagnolo (1980), Sem-France Loire (1981 e 1983).

UMA FIGURA INESQUECÍVEL

Joaquim Agostinho tem um lugar à parte na história do ciclismo português, marcando um capítulo que se pode designar por 'A era de Agostinho',

reservado ao nosso melhor ciclista de todos os tempos, "um fora-de-série", como diz Alves Barbosa.

Nenhum outro dos nossos melhores corredores alcançou o seu nível. Igualou o recorde de Alves Barbosa, obtendo três vitórias na Volta a Portugal, apenas com a diferença de que foram consecutivas (1970, 71 e 72). Só os controlos anti-doping o impediram de averbar os triunfos em 1969 e 1973 e colecionar cinco seguidas, que seria a maior série de sempre. Mas foi além fronteiras que ele conseguiu as suas maiores proezas, evidenciando-se como notável trepador e contra-relogista, e detentor de um enorme espírito lutador.

No 'Tour' de França conquistou dois terceiros lugares (1978 e 1979), um 5º (1980), um 6º (1974), dois oitavos (1969 e 1973) e quatro etapas, tudo isto em 13 participações.

O momento mais alto da sua carreira foi alcançado aos 38 anos de idade com a vitória na subida do mítico Alpe d'Huez, no 'Tour' de França. Em cinco presenças na 'Vuelta' a Espanha foi 2º classificado em 1974, a poucos segundos do vencedor, o espanhol José Manuel Fuente (resultado que suscitou fortes dúvidas), um 6º lugar em 1973, um 7º em 1976, e três etapas.

Um tal palmarés, num ciclista que iniciou a sua carreira aos 25 anos de idade, tem um valor incalculável, principalmente tendo em conta a alta cotação que obteve. Em Portugal, onde não havia qualquer adversário à sua altura, o seu mais forte rival foi Fernando Mendes e pelos fortes laços de amizade que os ligava, Agostinho abriu-lhes as portas do ciclismo internacional.

Faleceu em resultado de uma queda na Volta ao Algarve de 1984, quando envergava a camisola amarela. A sua figura ainda hoje é recordada nas altas esferas do ciclismo mundial.

NO 'TOUR'

Entre 1969 e 1983, Joaquim Agostinho disputou 13 edições do 'Tour' de França, e desistiu apenas numa delas. Tinha 27 anos quando se estreou nas estradas francesas e tinha 42 anos quando se despediu do 'Tour'.

Os melhores resultados alcançados foram dois terceiros lugares (1978 e 1979) e dois quintos lugares (1971 e 1980), classificando-se sempre entre os 15 primeiros, como o indica o seu palmarés: um 6º lugar (1974), três oitavos (69, 72 e 73), um 11º (1983), um 13º (1977), um 14º (1970) e um 15º (1975), resultados a que se juntam as seguintes cinco vitórias em etapas: 1969 (Nancy-Mulhouse e La Grande Motte-Revel); 1973 (Bordéus-Bordéus); 1977 (Voiron-Saint Etienne, da qual foi desclassificado por irregularidade); 1979 (Les Menuires-Alpe d'Huez).

NA 'VUELTA'

Foram cinco as presenças de Joaquim Agostinho na 'Vuelta' a Espanha e o balanço corresponde perfeitamente àquilo que seria de esperar de um ciclista da sua estirpe, com uma carreira de vulto no 'Tour' de França.

Nas estradas espanholas conquistou algumas vitórias, tendo ficado a 11 segundos do triunfo na 'Vuelta' de 1974, e ainda hoje se suscitam graves suspeitas quanto ao rigor dos cronometristas.

Não foi lá muito feliz a sua estreia na 'Vuelta' de 1972, porque após ter sido 3º no prólogo de Fuengirola, veio a abandonar a corrida devido a uma grave queda na 8ª etapa, que ligou Vinaroz a Tarragona. Agostinho perdeu o conhecimento e foi levado de urgência para o Hospital de Barcelona, onde lhe foi diagnosticada fractura de crânio, ficando ali internado durante quatro dias.

Nas outras participações conseguiu o 6º lugar em 1973, o 7º em 1976 e o 15º em 1977, tendo registado vitórias em três etapas e vestiu a camisola amarela durante cinco dias.

NO 'GIRO'

Joaquim Agostinho disputou uma única vez o 'Giro' de Itália, mas não chegou ao fim. Foi em 1972 e corria então na equipa TEKA, com Fernando Mendes.

A queda do espanhol Santiseban, da KAS, que sofreu forte e perigoso traumatismo ao bater com a cabeça no 'rail' de protecção na descida para Catânia (Sicília), impressionou bastante Agostinho que acabou também por desistir com problemas de saúde.

Fernando Mendes terminou a corrida em 17º, cabendo a vitória ao italiano Felice Gimondi.

NA VOLTA A PORTUGAL

De cinco vitórias só três valeram

Joaquim Agostinho participou em seis edições da Volta a Portugal, tendo conquistado um surpreendente segundo lugar na sua estreia, em 1968, e cinco vitórias consecutivas nos anos seguintes, mas foi desclassificado em duas delas (1969 e 1973) por controlos anti-doping positivos.

No ano da estreia (1968) causou sensação pelo segundo lugar alcançado, a escassos 57 segundos do vencedor, o benfiquista Américo Silva, e ainda andou três dias com a camisola amarela, mesmo sem vencer qualquer etapa.

Com a vitória no contra-relógio da última etapa da Volta de 1969, Joaquim Agostinho sagrou-se vencedor absoluto, mas, já depois de lhe terem sido prestadas todas as honrarias, veio a ser destituído do triunfo, que foi atribuído ao 2º classificado, Joaquim Andrade (Sangalhos), e relegado para o 7º lugar.

Na sua última participação na Volta, em 1973, o 'doping' retirou-lhe o quarto triunfo, conquistado mercê de sete vitórias de etapa e 15 dias de liderança, em benefício do espanhol Jesus Manzaneque, da equipa Messias.

José Martins e Fernando Mendes foram os seus principais adversários no plano nacional, na transição para a gesta de Marco Chagas.

RESUMO

Volta a Portugal: 1968 - 2º; 1969 - 7º; 1970 - 1º; 1971 - 1º; 1972 - 1º (24 etapas).

Tour de França: 1969 - 8º; 1970 - 14º; 1971 - 5º; 1972 - 8º; 1973 - 8º; 1974 - 6º; 1975 - 15º; 1977 - 13º; 1978 - 3º; 1979 - 3º; 1980 - 5º; 1983 - 11º (5 etapas). Vestiu a camisola amarela 80 vezes e venceu uma vez a classificação por pontos.

Vuelta a Espanha: 1973 - 6º; 1974 - 2º; 1976 - 7º; 1977 - 15º (3 etapas e 5 dias de camisola amarela).

Campeão nacional: 1968 a 1973 (seis vezes consecutivas)

Vitórias de etapas em montanhas míticas: Alpe d'Huez, no Tour (1979); Cangas de Oniz, na Vuelta (1974); Alto da Torre, na Volta (1971 e 1973); Pehas da Saúde, na Volta (1970); Balmberg, na Volta a Suíça (1972).

Outras vitórias em montanha: Puerto del León, na Vuelta (1972); Côte de Laffrey, no Tour (1971); First Plan, no Tour (1969); Grammont, no Tour (1971); Manse, no Tour (1972); Lautaret, no Tour (1972); Hundruck, no Tour (1972), Oderen, no Tour (1972); Lalouvesc, no Tour (1977); Croix de Chabouret, no Tour (1977).

Prémio Super Prestige Pernod: 1969 - 18º; 1974 - 10º; 1980 - 7º; 1980 - 7º.

OUTRAS PROVAS

O palmarés de Joaquim Agostinho é extenso e valioso, mesmo para além do 'Tour', da Vuelta e da Volta a Portugal.

Deixamos aqui um resumo, onde se registam os resultados conseguidos nas corridas mais importantes, no plano nacional e internacional.

NACIONAIS

Campeão Nacional de Estrada: 1968; 1969; 1970; 1971; 1972; 1973;

Campeão Nacional CRI: 1968; 1969; 1970; 1971; 1972; 1973;

GP Riopelle: 1º em 1969;

GP Robbialac: 1º em 1969;

GP de Sintra: 1º em 1971; 1º em 1972;

Porto-Lisboa: 3º em 1971;

Prémio de Lisboa: 1º em 1972;

Prémio do Estoril: 1º em 1973;

GP Clock: 1º em 1975;

Volta ao Algarve: 1 etapa em 1984.

INTERNACIONAIS

Volta ao Estado de S. Paulo (Brasil): 1º em 1968;

Mundial de Estrada: 16º em 1968; 15º em 1969; 20º em 1973;

Troféu Baracchi (Itália): 1º em 1969;

GP Nações: 5º em 1969;

Super Prestige Pernod (França): 18º em 1969; 10º em 1974; 7º em 1980;

Escalada de Montjuic (Espanha): 3º em 1970;

Semana Catalã (Espanha): 1 etapa; 3º em 1974; 6º em 1976; 4º em 1977;

A Travers lausanne (Suíça): 3º em 1971;

Dauphiné Libéré (França): 17º em 1971; 13º em 1973; 19º em 1975; 4º em 1977; 6º em 1979; 3º em 1980; 3º em 1981;

Volta a Suíça: 5º em 1972; 24º em 1983;

Liège-Bastogne-Liège (Bélgica): 17º em 1972;

Midi Libre (França): 5º em 1973; 8º em 1974; 3º em 1980;

Paris-Nice (França): 15º em 1973;

Prémio de Serenac (França): 1º em 1974;

Prémio de Montastruc (França): 1º em 1974;

Côte de Allevard (França): 1º em 1974;

Tour de l'Aude (França): 3º em 1975;

Volta ao País Basco (Espanha): 12º em 1975; 3º em 1976;

Volta ao Levante (Espanha): 3º em 1976; 6º em 1977;

Ronde de Seignelay (França): 5º em 1977;

Prémio de Monteron (França): 1º em 1978;

Prémio de Vailly (França): 1º em 1978;

Prémio de Lamballe (França): 1º em 1980;

Bordéus-Paris (França): 3º em 1980;

Quatro Dias de Dunquerque: 3º em 1980;

Volta a Córsega (França): 3º em 1980;

Critério Internacional (França): 19º em 1980;

Tour da Romandia: 5º em 1981; 14º em 1983;



MARCO CHAGAS

Nome completo: MARCO António Martins CHAGAS

Nascimento: 19 de Novembro de 1956

Natural: Pontével (Portugal)

Carreira: 1980 a 1990

Equipas em Portugal: Costa do Sol (1976), Águias-Clock (1977,1978), Lousa-Trinaranjus (1979), Puch-Sem-Campagnolo (1980), FC Porto-UBP (1981,1982), Mako Jeans (1983), Sporting-Raposeira (1984,1985,1986,1987), Louletano-Vale de Lobo (1988,1989), Orima (1990).

Equipas no estrangeiro: Frimatic (1970), Hoover (1971), Marki-Bonanza (1972)

Destaques: Marco Chagas ficará para sempre ligado à história do ciclismo lusitano, por ser o único a ter vencido quatro edições da Volta a Portugal (1982, 1983, 1985 e 1986). Vestiu a camisola amarela 40 vezes.

Características: Corredor completo que conseguia como ninguém controlar a corrida, fazendo-o com classe e inteligência. Foi o grande nome do nosso ciclismo nos anos 80, tendo, inclusive, participado em 2 Tours.

RECORDISTA DA VOLTA

Marco Chagas é o recordista da Volta, com quatro vitórias, marca que dificilmente será igualada por qualquer dos anteriores vencedores ainda em actividade. Chagas poderia ter chegado às seis vitórias, e cinco delas consecutivas, se o controlo anti-doping não o tivesse desclassificado em 1979 (a favor de Joaquim Sousa Santos) e afastado da edição de 84, que Venceslau Fernandes veio a ganhar.

Foi, incontestavelmente, o melhor ciclista da sua época, dominando o panorama da modalidade nos anos oitenta, tendo registado algumas prestações valiosas no estrangeiro, com duas presenças no 'Tour', em 80 (41º) e 84 (77º).

Depois de terminada a sua carreira, tem continuado no ciclismo, primeiro como técnico das equipas de Santa Marta de Portuzelo e da Sicasal, e depois como comentador televisivo, função que continua a desempenhar.

AUTO-RETRATO

«Comecei a correr aos 15 anos na equipa da Casa do Povo de Pontével, a minha terra natal, disputando os Campeonatos da FNAT nos anos de 1973/74. O meu primeiro ano de ciclista federado foi em 1974 e comecei a correr como individual na categoria de populares porque o Sporting não tinha essa categoria, mas eu já me encontrava integrado na equipa. No mesmo ano passei a junior já ao serviço do Sporting, onde fiquei até a secção de ciclismo do clube ter sido extinta em 1975.

Depois corri uma série de outras equipas, desde o Costa do Sol, em representação do qual disputei, em 1976, a minha primeira Volta a Portugal, que foi ganha por Firmino Bernardino e eu fiz o sexto lugar.

A seguir estive dois anos no Águias de Alpiarça, passei depois o ano de 1979 no Lousa e no ano seguinte fui para França com o Agostinho na equipa da Push, regresssei a Portugal em 1981 para representar o FC Porto, onde continuei em 1982, tendo então conquistado a primeira vitória na Volta a Portugal, que tornei a vencer em 1983 com a camisola da Mako-Jeans.

O Sporting voltou ao ciclismo em 1984, ano em que faleceu Joaquim Agostinho, e eu regresssei ao Sporting para, em 85 e 86, vencer de novo a Volta a Portugal. Em 1987, o Sporting voltou a abandonar a modalidade e nos dois anos seguintes estive ao serviço do Louletano/Vale do Lobo. Terminei a minha carreira de ciclista na equipa da Orima, em 1990.

Este foi o meu percurso no ciclismo, ao longo do qual, além de ter vencido quatro Voltas a Portugal, fui cinco vezes campeão nacional de fundo e uma vez campeão nacional de perseguição em pista. Ganhei várias etapas e algumas corridas 'clássicas', nomeadamente o Porto-Lisboa, e no estrangeiro tive duas participações na Volta a França (1980 e 1984), terminei qualquer delas, a primeira em 41º e a segunda em 77º. Ganhei também a Volta da Independência, no Brasil, e a Volta à África do Sul. Fiz ainda um 2º lugar na Ronda da Hispanidade (1975).

Pronto, foram estes os meus melhores resultados.

Encerrado o meu ciclo competitivo no ciclismo, continuei ligado à modalidade, mas então na parte técnica. Primeiro fui director-desportivo da equipa Tensai (91 e 92) e depois na Sicasal (93, 94 e 95) e a partir de 1997 tenho desempenhado a função de comentador na RTP, para que fui convidado. Espero continuar a fazer aquilo que estou fazendo, na RTP se possível. De qualquer maneira pretendo continuar sempre ligado ao ciclismo.»

a) Marco Chagas

PALMARÉS

Amador

1976

Campeão de Portugal
6º na Volta a Portugal, 3 etapas
2º na Ronda da Hispanidade

1977

5º na Volta a Portugal
1º no GP Clock

1978

1º no Rapport Toer (África do Sul)
1º nos 150 km do Troféu Unisol
2º no GP Clock
2º no GP Duas Rodas
3º no Lisboa-Alpiarça

1979

3 etapas na Volta a Portugal
1º no Circuito da Mealhada
3º no GP Sumol
3º na Volta ao Oeste

Profissional

1980

41º no Tour de France
43º no Dauphiné-Liberé

1981

Campeão de Portugal por Equipas
8º na Volta a Portugal

1982

1º na Volta a Portugal, 2 etapas
Campeão Nacional
Campeão de Portugal por Equipas

1983

1º na Volta a Portugal, 3 etapas
Campeão de Portugal por Equipas
1º na Clássica Porto-Lisboa
1º na Volta ao Minho
1º no Circuito da Marinha Grande
1º na Volta à Madeira
1º no Circuito de Rio Maior
3º no Campeonato Nacional

1984

1º na Volta ao Alentejo, 1 etapa
3 etapas na Volta a Portugal
1 etapa na Volta ao Algarve
1 etapa no GP Jornal de Notícias
77º no Tour de France

1985

1º na Volta a Portugal, 3 etapas
Campeão Nacional de Estrada
1º no GP dos Orgãos da Comunicação Social
1 etapa no GP de Loures
1 etapa no GP de Gaia
1º no Circuito da Malveira

1º no Circuito do Cartaxo
1º em Prova Nacional de Contra-relógio
2º na Volta ao Algarve, **2 etapas** + Montanha e Pontos
8º na Clássica Porto-Lisboa
8º na Prova de Aniversário Fundação da UVP/FPC (Ciclo-Cross)
30º na Vuelta ao País Basco

1986

1º na Volta a Portugal, 4 etapas
1º no GP do Minho, 3 etapas
2º na Volta ao Algarve
3º no GP de Torres Vedras

1987

1 etapa na Volta a Portugal
1 etapa no GP O Jogo
1 etapa na Volta à Vila da Feira
1 etapa na Clássica Matosinhos-Régua
1 etapa no GP Abimota
1º no Carnide-Almoçageme
1º no Circuito de Altina
4º no Campeonato Nacional de Estrada

1988

Campeão Nacional de contra-relógio por Equipas
1 etapa no GP do Minho
2º na Semana Algarvia, 1 etapa
2º na Volta a Santa Maria da Feira
3º na Volta ao Alentejo
5º no Campeonato Nacional de Montanha

1989

1 etapa no GP Correio da Manhã
2º na Volta ao Alentejo, 1 etapa
1 etapa no GP do Minho
1 etapa no Troféu Joaquim Agostinho
1 etapa no GP Costa Azul
3º no Campeonato Nacional de contra-relógio por Equipas
10º na Volta a Portugal

1990

1 etapa na Volta ao Alentejo
1º no Circuito da Marinha Grande
3º na Clássica Porto-Lisboa
5º na Volta a Portugal
